

GENEALOGIAS DA ESCRITA

As genealogias da escrita têm sido objeto de abordagens teórico-críticas e matéria de reflexão constante em ensaios, notas de trabalho e, muito especialmente, em diários de escritores. A sentença formalista segundo a qual a literatura não se movimenta em linha reta, de pai a filho, mas por caminhos oblíquos, de tio a sobrinho, a distinção estabelecida por Said entre filiação e afiliação, ou o convite, feito por Roland Barthes na *Preparação do romance*, a *glisser* [deslizar] uma linhagem são algumas das manifestações legíveis no domínio teórico-crítico. Os *Diários de Emilio Renzi*, publicados por Ricardo Piglia entre 2015 e 2017 são uma expressão privilegiada e recente desse laboratório do escritor, no qual se discutem tradições intelectuais, traçam-se ficções genealógicas e se revisitam com insistência os diários (laboratórios) de outros escritores.

O Dossiê deste número da revista *Remate de Males* reúne um conjunto de artigos sobre a dimensão genealógica e laboratorial de escritos de diversa procedência (literatura argentina, chilena, brasileira, italiana, norte-americana, letras francesas) e de distintas épocas (do século XIX à atualidade).

Os sete primeiros textos são produto de uma circunstância específica: o colóquio Leituras Cruzadas de Ricardo Piglia, realizado no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária e do Observatório Latino-americano da Unicamp, nos dias 28 e 29 de maio de 2019. Participaram do evento e têm seus textos aqui publicados os professores, críticos e pesquisadores Martín Kohan, Pedro Meira Monteiro, Júlio Pimentel Pinto, Miriam Viviana Gárate, Gisela Bergonzoni, Kelvin Falcão Klein e Livia Grotto. Levando em conta o caráter retrospectivo e heterogêneo

de toda genealogia (nas palavras de Foucault: enfatizando seu caráter de “emergência”, “conjurando a quimera da origem”), os artigos resultantes do colóquio exploram diversos aspectos dessa trilogia gigantesca e fragmentária, já parcialmente traduzida para o português, que vem suscitando um renovado interesse pelo conjunto da produção de Piglia.

“Diario diferido”, de Martín Kohan, lê o gesto polêmico imprimido por Piglia à escrita retroativa de seus cadernos pessoais e o caráter “estrategicamente póstumo” dos *Diários de Emilio Renzi*. O artigo de Pedro Meira Monteiro, “O corpo desaparecido: a permanência da literatura em Ricardo Piglia”, indaga a busca do sentido que atravessa tanto a ficção quanto a crítica de Piglia/Renzi e o modo como ela se coloca diante do fluxo vital, partindo para tanto da figuração do corpo inerte. “Notas sobre a historicidade de *Os diários de Emilio Renzi*”, de Júlio Pimentel Pinto, reflete sobre as múltiplas intervenções (estratégias de ordenação, deslocamento, distanciamento) mediante as quais se efetiva o regime de historicidade legível nos *Diários*.

Integrando, ainda, o núcleo inicial deste Dossiê, o artigo de Miriam Viviana Gárate propõe uma leitura da ficção de origem da escrita “por vir” vinculada à linhagem de Renzi, retrospectivamente encenada no primeiro tomo dos *Diários*. Gisela Bergonzoni persegue as aparições de um elemento narrativo que perpassa alguns textos desse primeiro tomo dos *Diários*, enquanto cifra da correspondência entre vida e escrita. Kelvin Falcão Klein esboça uma genealogia possível da figura de escritor, a partir do modo como as imagens são requisitadas especialmente no terceiro tomo dos *Diários*. “Ricardo Piglia e a tradução: modos de usar”, de Livia Grotto, examina o papel da tradução na trajetória de Piglia enquanto editor, tradutor, professor, crítico e ficcionista e suas implicações na emergência de uma genealogia da literatura argentina, bem como da poética do autor.

Os textos que se seguem a esse primeiro conjunto deslocam-se em direção a outros autores e outras literaturas. O primeiro deles estabelece um diálogo sub-reptício com uma experiência decisiva para esse personagem entranhável dos *Diários* de Renzi, que é o avô Emilio, e com os arquivos deste: a Primeira Guerra Mundial. Situando *Dias de Guerra* (1930) de Giovanni Comisso no contexto da literatura italiana, Andrea Gialoretto propõe uma leitura da obra desse escritor, que mobiliza materiais diversos no intuito de delinear a genealogia da escrita de suas memórias e de estabelecer relações com um conjunto amplo de registros das experiências dos combatentes italianos.

Dois artigos exploram as relações entre genealogia e linhagem no âmbito das letras contemporâneas do cone sul: “Pela boca do pai? Tamara Kamenszain e as línguas do judaísmo”, de Adriana Kanczepska, que investiga o lugar ocupado pelo “judaico” na poesia de Kamenszain, concebido como uma condição que se herda e que se transmite, “inclusive”, assinala a autora, “a contragosto”; e “Bibliotecas de infância na narrativa chilena atual”, de Lorena Amaro, que analisa as cenas de leitura representadas por seis narradores chilenos em relatos recentes, de caráter autobiográfico ou autoficcional, e as conexões destas com uma constelação familiar marcada pela precariedade, assim como com a desarticulação de políticas culturais prévias, levada a cabo pela ditadura militar. Luciene Azevedo, por sua vez, partindo da noção de “estética da iminência” de Néstor Canclini, lê o romance *Estação Atocha* (2016) do norte-americano Ben Lerner como “laboratório de experimentação intelectual” que oferece ao leitor o processo de sua composição, colocando--se na fronteira do ensaio e do que a autora entende como uma “estética da anotação”.

O Dossiê inclui ainda três ensaios voltados para a literatura brasileira. Marcelo Diego lê a contrapelo da crítica estabelecida a presença de Shakespeare em *Dom Casmurro* ao postular *Hamlet*, e não *Otelo*, como a autêntica peça genealógica do romance machadiano. Monica Gama (“O diário de Guimarães Rosa: estudo e diálogo autoral”) e Marcelo Marinho em coautoria com David Lopes da Silva (“Desenredo”, de João Guimarães Rosa: prosoema, metapoeseia, necrológio prévio ou “autobiografia irracional”?) propõem aproximações diversas da escritura rosiana. O primeiro artigo focaliza o diário escrito por Guimarães Rosa em Paris, detendo-se no exame das considerações do autor sobre diários de outros escritores, sobre os mecanismos de narração de si e sobre a relação dessa autocontemplação com o mundo, no intuito de avaliar como essas reflexões ecoam em crônicas de Rosa e no prefácio de seu último livro; o segundo empreende um “exercício transcriativo” com base no “enredo biopoético” que envolve as três candidaturas do autor para ocupar uma cadeira da ABL, propondo uma leitura de “Desenredo”, de *Tutameia – Terceiras estórias* (1967), a partir desse horizonte genealógico.

Por fim, três artigos vinculados ao âmbito da crítica e da teoria francesas encerram o Dossiê. Claudia Amigo Pino retraça a crise vivida por Barthes no final dos anos 1960 e a solução encontrada – um novo tipo de escrita –, a partir do estudo das anotações manuscritas das aulas, em “Da filiação do pesquisador à filiação do escritor: Roland Barthes e o

seminário da crise intelectual”. Paulo Procopio Ferraz lê as flutuações dos sentidos que Barthes confere à noção de metalinguagem, ao acompanhar suas variações em *Mitologias*, nos Seminários de preparação do livro *Fragmentos de um discurso amoroso* e no livro homônimo. Pierre-Ulysse Barranque cartografa as anotações feitas por Baudrillard nos livros que integram sua biblioteca pessoal e em um conjunto de fichas, tendo em vista estabelecer conexões com a produção do intelectual francês.

Registramos, por último, que graças à generosa intermediação de Pedro Meira Monteiro, a seção *Documentos* deste número de *Remate de Males* reproduz uma página dos cadernos de Ricardo Piglia depositados Biblioteca Firestone, em Princeton.

Miriam Viviana Gárate (Unicamp)
Gisela Bergonzoni (Unicamp)
Kelvin Falcão Klein (Unirio)

Recebido: 26/11/2019

Aceito: 26/11/2019

Publicado: 5/12/2019